

JORNALISTAS-CIDADÃOS E AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: UMA RECONFORTANTE RECONFIGURAÇÃO DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NA ERA DIGITAL?

*CITIZEN JOURNALISTS AND NEWS AGENCIES:
A RECONFIGURATION OF JOURNALISTIC PRACTICES IN THE DIGITAL AGE?*

*PERIODISTAS CIUDADANOS Y AGENCIAS DE NOTICIAS:
¿UNA RECONFIGURACIÓN DE LAS PRÁCTICAS PERIODÍSTICAS EN LA ERA DIGITAL?*

*Original recebido em: 30 de setembro de 2025
Aceito para publicação em: 18 de março de 2026
Publicado em: 26 de junho de 2026*

Gisela Cardoso Teixeira
University Of Lille, Lille, França

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

RESUMO

Este trabalho investiga como se configurou a relação entre jornalistas-cidadãos sírios e agências internacionais durante a guerra civil na Síria, marcada por restrições à imprensa estrangeira e pela expansão do conteúdo em redes digitais. De abordagem qualitativa, a pesquisa baseia-se em entrevistas semiestruturadas com quinze jornalistas-cidadãos que colaboraram com mídias internacionais, além de revisão bibliográfica sobre jornalismo cidadão, de agência e fluxos globais de informação. A análise examina processos de profissionalização, formas de interação com agências e a influência de padrões editoriais ocidentais em suas práticas. Os resultados apontam tensões entre democratização e controle editorial, indicando que, apesar do papel central desses jornalistas na cobertura do conflito, persistem hierarquias e dependências que limitam sua autonomia narrativa, revelando continuidades e mudanças nas dinâmicas de poder no ecossistema informacional contemporâneo.

Palavras-chave: Jornalismo cidadão; Agências de notícias; Redes sociais digitais; Guerra civil síria; Informação internacional.

ABSTRACT

This study aimed to investigate how the relationship between Syrian citizen journalists and international news agencies was shaped in the context of the Syrian civil war, characterized by restrictions on the presence of foreign press and the rise of content production on digital social networks. To address this issue, the research, of a qualitative nature, was based on semi-structured interviews conducted with fifteen Syrian citizen journalists who collaborated with news agencies and international media, as well as a bibliographic review on citizen journalism, agency journalism, and global information flows. Thus, the analysis seeks to understand how these journalists became professionalized, how they related to the agencies, and how their practices were institutionalized or conditioned by Western editorial standards. The results

highlight tensions between democratization and editorial control, showing that, although local journalists played a central role in covering the conflict, they remain subject to hierarchies and structural dependencies that limit their narrative autonomy. In this way, the research contributes to understanding the continuities and disruptions in power dynamics between citizen journalism and news agencies in the contemporary information ecosystem.

Keywords: Citizen journalism; News agencies; Social media networks; Syrian civil war; International news.

RESUMEN

Este estudio investiga cómo se configuró la relación entre los periodistas ciudadanos sirios y las agencias de noticias internacionales durante la guerra civil siria, marcada por las restricciones a la prensa extranjera y la expansión de contenidos en las redes digitales. Mediante un enfoque cualitativo, la investigación se basa en entrevistas semiestructuradas con quince periodistas ciudadanos que colaboraron con medios internacionales, así como en una revisión bibliográfica sobre periodismo ciudadano, periodismo de agencia y flujos de información globales. El análisis examina los procesos de profesionalización, las formas de interacción con las agencias y la influencia de los estándares editoriales occidentales en sus prácticas. Los resultados señalan tensiones entre la democratización y el control editorial, indicando que, a pesar del papel central de estos periodistas en la cobertura del conflicto, persisten jerarquías y dependencias que limitan su autonomía narrativa, revelando continuidades y cambios en las dinámicas de poder dentro del ecosistema informativo contemporáneo.

Palabras clave: Metodologías Afrodiaspóricas; Rueda; Juventud; Periodismo; Racismo.

1. INTRODUÇÃO

A ascensão da Web 2.0 provocou uma profunda transformação no jornalismo, tornando a produção e a difusão da informação mais participativas, interativas e descentralizadas (Charon, 2011, 2015; Jeanne-Perrier *et al.*, 2015; Witschge *et al.*, 2016). Com a popularização dos blogs e das redes sociais digitais, novos atores, em especial os jornalistas-cidadãos, emergiram na esfera midiática, o que poderia aparentemente colocar em questão o monopólio das redações tradicionais sobre a circulação das notícias (Aubert, 2009; Rieffel, 2012; Clavert *et al.*, 2018). O público, antes restrito ao papel de receptor ou de fonte filtrada pelos jornalistas, passou a produzir e difundir informações, participando ativamente da definição da agenda midiática (Bruns, 2008, 2018; Mercier, 2010; Frau-Meigs, 2017).

Nesse contexto de transformações do ecossistema informacional, observa-se especialmente uma reconfiguração das práticas jornalísticas tradicionalmente associadas ao *gatekeeping* – isto é, ao controle e à seleção das informações por parte das redações – em direção ao *gatematching*, característico dos ambientes digitais. Conforme argumentam Axel

Bruns (2015) e Arnaud Mercier (2010), no modelo de *gatewatching*, os atores não apenas filtram, mas sobretudo monitoram, selecionam e redistribuem conteúdos já em circulação, principalmente em plataformas digitais.

Essa mutação abalou as fronteiras entre amadores e profissionais, conduzindo a uma redefinição do papel do jornalista, agora envolvido em práticas de curadoria e de verificação dos conteúdos gerados pelos usuários (Bruns, 2015; Hermida, 2012). Dessa forma, as redações tiveram de se adaptar, integrando formatos digitais interativos, além de revisar os seus processos de checagem e os seus modelos editoriais e econômicos (Mercier e Pignard-Cheynel, 2014, 2018; Péliissier e Diallo, 2015; Hermida e Mellado, 2020). Essa mudança de paradigma também se traduziu em um processo de hibridização entre o jornalismo profissional e o jornalismo cidadão, sobretudo em contextos de crise, nos quais os testemunhos de indivíduos comuns se tornaram recursos valiosos para os profissionais da informação (Nicey, 2020).

Essas transformações suscitaram certo otimismo quanto à diversificação da informação, em especial no que diz respeito àquelas produzidas por “meios alternativos” (Cardon, 2010; Cardon e Granjon, 2013; Wall, 2015). Em um primeiro momento, havia uma expectativa de uma via de escape às lógicas dominantes da circulação global da informação (Mattelart, 2014), o que colocaria em questão o monopólio dos grandes grupos midiáticos. Em “*Media Imperialism*” (2014), Oliver Boyd-Barrett reconhece que o avanço da internet favoreceu o surgimento de mídias alternativas como resposta à dominação informacional das grandes agências ocidentais. No entanto, ele mantém cautela quanto à sua capacidade de competir em termos de alcance, financiamento e infraestrutura, uma vez que esses novos meios enfrentam frequentemente dificuldades para transformar profundamente o sistema midiático (Mattelart, 2014, 2016a, 2016b). Nesse sentido, as estruturas de poder globais souberam se adaptar ao ambiente digital para manter a sua hegemonia.

Essa adaptação ocorreu em diferentes níveis, desde a adoção de novas tecnologias até a redefinição das estratégias editoriais, principalmente por meio da integração do jornalismo cidadão, ao mesmo tempo em que preservavam o papel de autoridade informativa (Högerl, 2010; Griessner, 2012). Por exemplo, a *AFP* investiu na plataforma *Citizenside*, dedicada ao envio de imagens e vídeos por cidadãos (Aubert e Nicey, 2015), enquanto a *Reuters* e a *AP* estabeleceram protocolos de verificação de conteúdos gerados pelos usuários (Palmer e Nicey, 2012; Selenić e Penezić, 2024). A cobertura da guerra na Síria ilustra esse fenômeno: diante das restrições impostas aos jornalistas estrangeiros, jornalistas-cidadãos passaram a difundir os acontecimentos nas redes sociais (Lynch *et al.*, 2014; Boëx, 2021; Peralta García *et al.*, 2021).

Essas iniciativas permitiram documentar digitalmente o conflito e favoreceram formas de colaboração com as mídias e as agências de notícias internacionais (Wall *et al.*, 2014; Chaise, 2018; Berger, 2025).

Nesse contexto, os jornalistas-cidadãos emergem como produtores de informação que se destacam no espaço sociodigital, confrontando o paradigma jornalístico estabelecido até então. Paralelamente, as grandes agências de notícias, principais fontes de informação para as mídias de todo o mundo (Pigeat e Lesourd, 2014), buscam se adaptar ao novo ambiente midiático a fim de preservar a sua hegemonia no circuito informacional global. É nessa dinâmica que se insere a presente pesquisa, que procura responder às seguintes questões: qual a relação entre jornalistas-cidadãos e agências de notícias? A colaboração entre agências e jornalistas-cidadãos representa uma democratização da produção da informação ou uma nova forma de controle editorial exercida pelas agências? Em outras palavras, a análise busca compreender se as agências internacionais procuram institucionalizar as práticas desses novos produtores de informação.

Para responder a essa problemática, a pesquisa toma como estudo de caso a cobertura da guerra civil na Síria que, como mencionado, foi marcada pela colaboração entre grandes meios de comunicação, agências de notícias e jornalistas-cidadãos locais, devido às restrições impostas à presença da imprensa estrangeira no país.

A guerra civil síria teve início em 2011, no contexto das mobilizações da Primavera Árabe, quando manifestações populares contra o regime de Bashar al-Assad foram reprimidas com violência, desencadeando uma escalada do conflito armado. Ao longo dos anos, a guerra se complexificou com a fragmentação territorial do país e a multiplicação de atores envolvidos, incluindo forças governamentais, grupos rebeldes, organizações jihadistas como o Estado Islâmico e potências estrangeiras (como Rússia, Estados Unidos, Turquia e Irã), transformando o conflito em uma guerra multifacetada e internacionalizada. A partir de 2015, a intervenção militar russa foi decisiva para a reconfiguração do equilíbrio de forças em favor do regime, que progressivamente retomou o controle das principais cidades. Após mais de uma década de confrontos, marcada por uma grave crise humanitária, deslocamentos massivos da população e destruição de infraestruturas, o regime Assad colapsou em dezembro de 2024, em meio a grandes ofensivas da oposição síria, liderada pelo Hayat Tahrir al-Sham e por outros grupos rebeldes. A queda de Damasco marcou o fim do regime da família Assad, que havia governado a Síria como uma ditadura hereditária desde que Hafez al-Assad assumiu a presidência em 1971. Desde então, a Síria permanece sob o comando do presidente Ahmed al-Shar'a, antigo

líder do Hayat Tahrir al-Sham, e ainda enfrenta tensões e confrontos entre diferentes grupos étnicos, religiosos e ideológicos, além da atuação de múltiplos atores armados não estatais.

Nesse cenário, a atuação de jornalistas-cidadãos tornou-se central para a difusão de informações a partir do terreno. Sendo assim, a relação entre agências e jornalistas-cidadãos é examinada a partir do olhar destes últimos, em razão do papel central que desempenharam na produção de informações durante o conflito e pela necessidade de compreender, de sua perspectiva, as modalidades e os desafios dessa colaboração.

Do ponto de vista metodológico, optou-se por entrevistas semiestruturadas, uma vez que essa abordagem permite explorar em profundidade as percepções, as experiências e as dinâmicas próprias dessa relação. Mais especificamente, foram entrevistados quinze jornalistas-cidadãos sírios que colaboraram com agências de notícias e meios de comunicação internacionais. No que diz respeito ao tratamento dos dados, foi realizada uma triangulação com trabalhos anteriores, o que possibilitou, em um primeiro momento, situar a análise no estado da arte sobre o jornalismo cidadão, o jornalismo de agência na era digital e as relações de poder na produção de informação internacional. Alguns desses estudos, ainda que já datados, mantêm relevância para a presente investigação, pois permitem verificar se os problemas e questionamentos levantados há algumas décadas persistem na atualidade. Essa confrontação entre os dados empíricos e as contribuições da literatura existente possibilita evidenciar tanto as continuidades quanto as rupturas nas dinâmicas da relação entre agências de notícias e jornalistas-cidadãos.

Assim, esta pesquisa busca oferecer novas contribuições para a compreensão das interações entre jornalismo cidadão e agências de notícias no cenário informacional contemporâneo, levando em conta as transformações tecnológicas, as lógicas editoriais e as relações de poder que o permeiam.

2. O SURGIMENTO DO JORNALISMO CIDADÃO NA ERA DA WEB 2.0: PROMESSAS E REALIDADES

O jornalismo cidadão, ou “jornalismo participativo”, refere-se ao envolvimento de indivíduos não profissionais na produção e na difusão de informações, o que desafia o modelo hierárquico e unidirecional dos meios de comunicação de massa ao instaurar uma lógica mais horizontal, interativa e colaborativa (Pignard-Cheynel, 2018). O desenvolvimento da Web 2.0 favoreceu a expansão do jornalismo participativo e cidadão online (JPCO) ao articular profissionais e amadores, e envolvendo o público na hierarquização dos conteúdos. Assim, o

leitor torna-se também autor, sendo capaz de reagir, produzir e difundir informações, o que dá origem a um fenômeno de “desmídiação” (Wall, 2019). Desse modo, surgiram mídias participativas que oferecem aos cidadãos um espaço de expressão cívica e engajada, fundado em uma subjetividade assumida (Aubert, 2009). Contudo, essa abertura não implica uma autonomia total: as plataformas participativas implementam mecanismos de regulação inspirados nas redações tradicionais (comitês editoriais, cartas editoriais, filtros), permitindo que os profissionais preservem o controle sobre a qualidade e a legitimidade dos conteúdos (Pélissier e Chaudy, 2011).

Em contrapartida, Tristan Mattelart (2014, 2016a) questiona a ideia de que a Web 2.0 e as redes sociais teriam permitido que “qualquer pessoa” se tornasse jornalista internacional. Segundo o pesquisador, os jornalistas-cidadãos reconhecidos continuam condicionados por fatores sociais, culturais e linguísticos. O exemplo de Salam Pax, blogueiro iraquiano que ganhou notoriedade durante a guerra do Iraque em 2003, ilustra esse ponto: oriundo de uma família abastada, formado na Áustria e escrevendo fluentemente em inglês, ele foi rapidamente integrado ao sistema midiático dominante através da *BBC* e do *The Guardian*. Esse caso evidencia que o acesso à visibilidade internacional depende fortemente do capital cultural e linguístico desses novos produtores de informação.

Rebillard (2007) chega a uma conclusão semelhante em seu estudo sobre a identidade dos colaboradores do site de jornalismo cidadão *Agoravox*: de acordo com o autor, a maioria dos colaboradores é formada por jornalistas, estudantes ou intelectuais, ou seja, indivíduos detentores de um elevado capital social, cultural e econômico. Em suas pesquisas, Aubert e Nicey (2015) mostram que os fotojornalistas cidadãos frequentemente adotam uma lógica semiprofissional, combinando competências técnicas, autonomia e, em alguns casos, remuneração. Essas observações indicam que a produção participativa online permanece socialmente situada, acessível sobretudo a uma minoria privilegiada, o que contradiz o ideal de uma democratização do jornalismo promovido pela Web 2.0.

3. ADAPTAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS À ERA DIGITAL E LÓGICAS DE HEGEMONIA INFORMACIONAL

As transformações tecnológicas ocorridas desde a década de 1980 abalaram profundamente as práticas do jornalismo de agência no cenário mundial da informação (Aguilar, 2018). Inicialmente, as agências demoraram a se adaptar à internet, temendo “uma

canibalização de seus conteúdos e uma perda de receitas potenciais” (Aguiar, 2018, p. 132). Enquanto alguns meios clientes (jornais, rádio, televisão) lançavam seus sites, as agências se mantinham cautelosas (com exceção da *Bloomberg*, que lançou seu site em 1993, seguida pela *Reuters* em 1996). Com a chegada das redes sociais, no entanto, elas reorganizaram sua difusão, usufruindo de uma dupla vantagem: o acesso direto à audiência, sem a mediação dos grandes meios de comunicação, e uma circulação mundial inédita de seus conteúdos (Aguiar, 2018). Nos países do Sul global, onde os recursos são mais limitados, as redes também representam um canal gratuito e acessível de difusão da informação (Griessner, 2012).

Paralelamente, o crescimento dos jornalistas-cidadãos e dos conteúdos gerados por usuários (CGU) levou as agências a ajustar suas estratégias: a *AFP*, por exemplo, adquiriu 34% da *Citizenside.com*, uma plataforma participativa dotada de um sistema de verificação (Palmer e Nicey, 2012), sinalizando a intenção de integrar as vozes cidadãs, sem abrir mão do papel de *gatekeeper* (White, 1964) que historicamente define o jornalismo de agência. Esse movimento se intensificou durante os levantes da Primavera Árabe em 2011, quando, diante da impossibilidade de presença no terreno, as agências recorreram a conteúdos publicados por testemunhas oculares (militantes, cidadãos, blogueiros). Esse processo estruturou-se em quatro etapas: 1) um evento ocorre; 2) testemunhas produzem fotos ou vídeos; 3) esses conteúdos são publicados online; 4) as agências os verificam e os redistribuem mundialmente.

Judith Högerl (2010) mostra que a *Reuters* e a *AP* reconhecem o potencial informativo dos CGU, mas enfatizam a importância de sua verificação rigorosa. Na *AP*, esses conteúdos são particularmente úteis quando nenhum jornalista consegue chegar rapidamente ao local. Entretanto, a pesquisadora concluiu que menos de 100 fotos oriundas do jornalismo cidadão são utilizadas por ano, em comparação às mais de um milhão de imagens produzidas pelos fotógrafos profissionais da agência. As limitações apontadas incluem a qualidade técnica, a falta de formação jornalística e as questões éticas relativas às condições de captação das imagens. Essa informação, contudo, entra em tensão com os estudos que ressaltam a dimensão semiprofissional de parte dos jornalistas-cidadãos, sugerindo uma preferência das agências por aqueles que aderem às normas do jornalismo tradicional. No contexto da guerra civil síria, a *AFP* chegou a recrutar diversos jornalistas-cidadãos locais e os formou em princípios teóricos e técnicos do fotojornalismo em Istambul (Chaise, 2018). Embora se apoie em novos atores provenientes da esfera cidadã, essa iniciativa confirma que a agência não renuncia seu controle editorial, que constitui o fundamento de sua legitimidade jornalística.

Essas constatações devem ser situadas em um quadro mais amplo, principalmente com relação aos debates históricos sobre a concentração do poder midiático e as relações de dominação nos fluxos globais de informação. Ainda no final da década de 1970, as discussões conduzidas sob a égide da UNESCO em torno da Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) denunciavam os desequilíbrios estruturais entre o Ocidente e as suas ex-colônias, bem como a hegemonia das agências ocidentais na representação dos países do Sul (Masmoudi, 1979; Frau-Meigs *et al.*, 2012). Essas assimetrias se traduzem em uma sub-representação quantitativa (esses países são representados em apenas 20 a 30% da cobertura) e qualitativa, já que as reportagens tendem a se concentrar em crises ou em acontecimentos espetaculares (Mattelart, 2014). Nessa lógica, as agências exercem um papel central de *gatekeepers* da agenda mundial, hierarquizando os temas segundo os critérios alinhados aos interesses geopolíticos, econômicos e culturais das potências ocidentais (Schiller, 1979; Boyd-Barrett, 1980, 2014).

O conceito de “imperialismo midiático” descreve, assim, a dominação dos fluxos de informação do Norte para o Sul, a concentração da propriedade dos meios de comunicação e a uniformização dos conteúdos de acordo com as normas ocidentais (Mattelart, 1991; Boyd-Barrett, 2014). Essa dinâmica se manifesta no ancoramento territorial das agências, sediadas em metrópoles ocidentais e herdeiras das infraestruturas coloniais (Pasti e Aguiar, 2019). Ao impor um modelo único e homogeneizar as representações do mundo, elas influenciam de forma duradoura a seleção e a hierarquização dos acontecimentos internacionais, institucionalizando predominantemente uma visão centrada no Norte (Boyd-Barrett, 2010).

No contexto pós-Guerra Fria, Thussu (2022) sublinha um neocolonialismo midiático que se perpetua com o crescimento das redes ocidentais por satélite, cabo e digitais, reforçando a dominação informacional sobre o Sul global. Jin (2019) transpõe essa lógica para a era digital com o conceito de “imperialismo das plataformas”: se antes a dominação se apoiava principalmente nas grandes agências e conglomerados midiáticos, hoje ela é assegurada por plataformas digitais (Google, Facebook/Meta, X/Twitter¹, Apple, Microsoft), que controlam tanto as infraestruturas (servidores, cabos e redes) quanto as lógicas algorítmicas de visibilidade e de circulação da informação. Esse novo imperialismo assemelha-se então a um colonialismo digital, no qual os países do Sul permanecem dependentes dessas plataformas para seus

¹O Twitter, plataforma de microblogging lançada em 2006, passou por uma mudança de nome oficial para “X” em 2023, como parte da estratégia de *rebranding* de seu proprietário Elon Musk, buscando transformá-la em uma “aplicação tudo-em-um” para comunicação e serviços digitais. Apesar da mudança, o nome “Twitter” ainda é amplamente usado na mídia e na literatura acadêmica para referência histórica e contextual.

intercâmbios, seu jornalismo e seu comércio, perpetuando as assimetrias de poder nos fluxos globais de informação.

4. METODOLOGIA

No plano metodológico, adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada na realização de entrevistas semiestruturadas, o que permitiu uma exploração aprofundada das trajetórias profissionais, das relações estabelecidas com as agências de notícias e das representações da cobertura jornalística, tanto local quanto internacional. Para isso, foram entrevistados quinze jornalistas-cidadãos sírios que colaboraram com agências de notícias ou meios de comunicação internacionais. As questões das entrevistas abordaram, entre outros aspectos: a trajetória escolar e profissional; o primeiro contato com as agências de notícias; as formações ou orientações editoriais recebidas; a natureza da relação mantida com essas agências; e a visão comparativa entre a cobertura local e aquela produzida por jornalistas de agências ocidentais.

Os entrevistados foram identificados e contatados no período de 18 de abril a 14 de junho de 2024. Os potenciais participantes foram selecionados prioritariamente entre aqueles que haviam trabalhado para os meios independentes sírios e para as agências internacionais incluídas na análise mais ampla da pesquisa. As redes sociais digitais (Twitter, Facebook, Instagram e LinkedIn) foram utilizadas para localizar e estabelecer um primeiro contato. No Twitter e no LinkedIn, foram empregados as palavras-chaves “*Journalist in Syria*” e “*Correspondent in Syria*”. No Facebook, a mesma busca levou ao grupo “*Iraq, Kurdistan, and Syria Media Group & Logistics*”, onde foi publicada uma chamada para participação. Paralelamente, foram solicitadas recomendações às organizações *Maison des journalistes*, *Syria Direct* e *Repórteres Sem Fronteiras*.

A participação foi voluntária: alguns jornalistas responderam diretamente, enquanto outros indicaram colegas dispostos a participar da pesquisa. Ao todo, dezoito jornalistas sírios foram contatados, dos quais quinze aceitaram colaborar. O acesso ao campo foi fortemente limitado por razões de segurança: no momento das entrevistas, a maioria dos participantes encontrava-se em zonas de conflito ativo, especialmente no norte do país. Por essa razão, as entrevistas foram realizadas a distância, utilizando Google Meet, Facebook Messenger e WhatsApp, em inglês e francês.

Para preservar a segurança e a confidencialidade dos participantes, o anonimato foi estritamente garantido. Essa precaução mostrou-se ainda mais necessária, dado que alguns

jornalistas residem na Síria, onde vários já haviam sido alvo de represálias. Além disso, os entrevistados não hesitaram em criticar as agências e os veículos de comunicação para os quais trabalharam, o que poderia expor a sua identidade e aumentar os riscos associados aos seus testemunhos. Para assegurar a sua proteção, os participantes foram designados por pseudônimos aleatórios, como “Jornalista A.S.”, garantindo o seu anonimato em toda a pesquisa.

Primeiramente, todas as entrevistas foram integralmente transcritas, permitindo uma análise detalhada e sistemática do material empírico. Em seguida, a investigação combinou duas abordagens complementares: análise temática e análise do discurso crítica. A primeira consistiu em organizar os depoimentos em categorias diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa: processos de formação e orientação editorial, dinâmicas relacionais e uso das redes sociais digitais, bem como os desafios e as percepções da cobertura jornalística do conflito sírio. Essa etapa permitiu estruturar o corpus e identificar padrões recorrentes nas trajetórias profissionais dos jornalistas-cidadãos.

A análise do discurso crítica, inspirada em Fairclough (1995) e van Dijk (1993), orientou a interpretação das entrevistas sob a perspectiva das relações de poder, hierarquias editoriais e mecanismos de legitimação profissional. Essa abordagem permitiu examinar como os discursos dos jornalistas-cidadãos e das agências internacionais reproduzem desigualdades estruturais, normativas do jornalismo ocidental e processos de visibilidade e invisibilização. Na prática, os depoimentos foram analisados para identificar: 1) assimetrias de poder entre jornalistas-cidadãos e agências internacionais; 2) padrões de legitimação profissional e valores jornalísticos promovidos por agências ocidentais; 3) mecanismos que favorecem ou limitam a visibilidade do trabalho jornalístico local.

Por fim, os achados foram confrontados com a literatura acadêmica sobre o jornalismo cidadão e a adaptação das agências de notícias ao ambiente digital, contextualizando os resultados dentro de debates teóricos sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação e a persistência das desigualdades globais na produção e difusão da informação.

5. PERCURSOS PROFISSIONAIS: O SURGIMENTO DOS JORNALISTAS SÍRIOS DIANTE DO CONFLITO

Os dados coletados por meio das entrevistas mostram que os jornalistas-cidadãos sírios receberam uma formação específica: treze dos quinze entrevistados não tinham nenhuma experiência em jornalismo antes da guerra. Destes, nove possuíam diploma de ensino superior

(em medicina, engenharia, história, ciência política, literatura, economia) e começaram a cobrir o conflito de forma autônoma, antes de se profissionalizarem por meio de formações oferecidas por ONGs ou agências internacionais. Isso confirma as observações de Rebillard (2007) e de Aubert e Nicey (2015), segundo as quais os jornalistas-cidadãos que colaboram com os meios de comunicação tradicionais dispõem de competências intelectuais suficientes para produzir conteúdos semiprofissionais. Por exemplo, N.R. é formada em medicina; M.R. possui graduação em direito e mestrado em ciência política obtidos em universidades ocidentais; e K.S., formado em literatura inglesa, foi professor antes de se tornar *fixer*² para correspondentes estrangeiros na Síria. Outros quatro jornalistas não tinham formação universitária no início do conflito, mas adquiriram competências de forma autodidata em campo, como N.A., que relata não possuir sequer um telefone celular quando começou a documentar a guerra. Com o apoio financeiro de amigos no exterior, conseguiu adquirir equipamentos básicos e aperfeiçoar seus relatos por meio de tutoriais online, desenvolvendo assim suas competências sem nenhum enquadramento formal.

Quatro jornalistas iniciaram estudos ou formações específicas em jornalismo ou em comunicação após começarem a atuar na área, como é o caso de Y.G., que começou a documentar a guerra aos 13 anos e, quatro anos depois, obteve seu primeiro posto em uma instituição de comunicação, marcando o início do aprendizado das “regras do ofício jornalístico”, que ele resume como “realidade, objetividade e independência”, ou seja, valores que constituem a base deontológica do jornalismo ocidental (Nerone, 2013; Hanitzsch *et al.*, 2019). Posteriormente, ele participou de diversas formações, incluindo uma em parceria com uma universidade libanesa e a Organização Internacional de Apoio à Mídia. Em abril de 2024, ele buscava retomar os estudos universitários para obter um diploma formal.

De forma semelhante, um dos jornalistas foi recrutado pela *AFP* depois de compartilhar um álbum fotográfico e seguiu formações oferecidas pela própria agência; H.B. recebeu treinamentos da *CNN*, do *The Guardian* e de outras organizações internacionais antes de ingressar em uma faculdade de comunicação em uma área fora do controle do regime Assad; e S.A., ex-estudante de engenharia mecânica, interrompeu os seus estudos por causa do conflito e foi formado por iniciativas de universidades e instituições de mídia. A maioria dos jornalistas

²Termo usado no jornalismo internacional para designar profissionais locais que auxiliam correspondentes estrangeiros em áreas de conflito ou de difícil acesso. Entre suas funções estão a tradução, organização de entrevistas, orientação logística, identificação de fontes e facilitação do contato com a população local. Apesar de desempenharem um papel central na produção de notícias, os *fixers* muitas vezes permanecem invisíveis nas publicações finais.

entrevistados reconhece a necessidade de se profissionalizar, especialmente após colaborar com as agências de notícias e os meios de comunicação ocidentais, sendo esse contato um catalisador para o fortalecimento de suas competências e para a adoção progressiva dos padrões profissionais.

Essas trajetórias confirmam que as agências ocidentais souberam se adaptar às restrições do terreno por meio da cooptação de atores locais capazes de responder às suas exigências editoriais, mantendo, contudo, seu papel de *gatekeepers* da informação internacional (Palmer e Nicey, 2012; Boyd-Barrett, 2014). Por exemplo, M.B., após trabalhar com a *Reuters* e, em seguida, com a *EPA*, começou a receber orientações editoriais precisas de seus superiores: “Meu chefe me enviava instruções e dizia: ‘M., você deve fazer isso, não aquilo. Essa foto tem um problema de iluminação [...] você deve modificá-la desta maneira’.” De forma semelhante, O.A. relata ter recebido conselhos sobre a composição das imagens e a estruturação das reportagens por parte de diversos meios de comunicação internacionais.

Essas interações mostram como os jornalistas-cidadãos sírios integraram progressivamente os códigos profissionais do jornalismo internacional por meio de um acompanhamento editorial, o que levou à formação de uma elite de “semiprofissionais” (Aubert e Nicey, 2015), cuja legitimação midiática se apoia na capacidade de respeitar as normas discursivas, estéticas e éticas do jornalismo ocidental. Embora sejam provenientes de contextos locais, esses jornalistas precisam responder a critérios globais de legitimidade para que seu trabalho seja veiculado no espaço midiático internacional.

6. DA MOBILIZAÇÃO CIDADÃ À INTEGRAÇÃO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO INTERNACIONAIS: TRAJETÓRIAS E LIMITAÇÕES DOS JORNALISTAS SÍRIOS

As entrevistas revelam que os primeiros contatos entre jornalistas-cidadãos sírios e agências de notícias internacionais se estabeleceram, em sua maioria, de maneira informal, por meio da visibilidade em redes sociais ou de recomendações pessoais. Vários jornalistas publicaram espontaneamente fotos, vídeos ou testemunhos no Twitter, Facebook ou YouTube, atraindo a atenção de redações estrangeiras. Por exemplo, um dos entrevistados foi contatado pelo *The Guardian* e pelo *The New York Times* após publicar imagens de manifestações, enquanto outro estabeleceu relações com a *AP* e a *Deutsche Welle* graças às suas publicações no Facebook. Essas trajetórias mostram que as redes sociais não apenas facilitaram a difusão

de informações a partir de zonas inacessíveis, mas também constituíram alavancas de reconhecimento profissional, criando pontes entre jornalistas locais e grandes redações internacionais. Nesse contexto de cerceamento informacional, elas se consolidaram como ferramentas essenciais de visibilidade, transmissão e integração ao circuito midiático global.

Diante do controle exercido pelo regime sírio sobre os meios de comunicação tradicionais, os jornalistas entrevistados declaram que as redes sociais digitais eram o único espaço possível para difundir informações independentes e servir como um lugar de encontro com outros jornalistas, ONGs, militantes e agências, facilitando futuras colaborações. Por exemplo, H.B. foi colocada em contato com veículos ocidentais graças às suas relações com militantes sírios online, enquanto M.B. enviou fotografias à *Reuters* durante um ano antes que uma delas fosse publicada, marcando o início de sua colaboração. Do mesmo modo, K.S. trabalhou como tradutor para uma correspondente estrangeira antes de ser recomendado para missões jornalísticas, ilustrando assim a importância das relações interpessoais.

No entanto, essa abertura permanece condicionada pelas lógicas das plataformas digitais globais, todas controladas por empresas do Norte global. Os jornalistas-cidadãos dependem, então, de infraestruturas técnicas mundializadas, enfrentando conseqüentemente uma dependência simbólica: a visibilidade e a legitimidade de seus conteúdos dependem tanto das lógicas de valoração das plataformas quanto dos interesses geopolíticos das agências intermediárias. Por exemplo, M.R. destaca que os algoritmos e a moderação arbitrária podem bloquear ou censurar conteúdos legítimos, sobretudo em temas sensíveis. Apesar de contribuírem para a promoção do trabalho jornalístico, essas plataformas impõem limites que influenciam a difusão e a percepção da informação.

Sim, as redes sociais são muito importantes para promover o nosso trabalho. Mas às vezes elas bloqueiam nosso trabalho por diversas razões. Às vezes, decidem que não correspondem aos critérios ou às normas da plataforma, o que não é necessariamente verdade. Ainda me lembro de termos publicado um artigo sobre o Hezbollah e, por alguma razão, talvez por causa do algoritmo ou de alguém por trás da tela, decidiram que estávamos promovendo a agenda de um grupo terrorista. Na realidade, estávamos criticando esse grupo. Às vezes, é arbitrário (Jornalista M.R.).

Esse diagnóstico inscreve-se na lógica denominada por Jin (2019) de “imperialismo das plataformas” ou do que Thussu (2022) qualifica como “neocolonialismo midiático”: os países do Sul global permanecem estruturalmente dependentes dos ecossistemas tecnológicos controlados pelas potências ocidentais para se expressar, se informar e existir no espaço midiático mundial.

7. RISCOS, LIMITAÇÕES E INVISIBILIDADE: O JORNALISMO SÍRIO NO ECOSSISTEMA MIMIÁTICO GLOBAL

Segundo os jornalistas sírios entrevistados, a cobertura da guerra civil envolve inúmeros desafios que afetam diretamente o processo de produção da informação: riscos para a integridade física e a segurança (ameaças de assassinato, prisão arbitrária, sequestro), censura e restrições à liberdade de imprensa, dificuldades de acesso às fontes e de verificação dos fatos, em razão da fragmentação territorial e do medo das testemunhas, bem como os impactos psicológicos relacionados à exposição à violência. A insuficiência das infraestruturas e a precariedade econômica constituem um elemento estrutural do trabalho jornalístico local, uma vez que a maioria atua como freelancers, sem remuneração fixa ou proteção social. Por exemplo, O.A., fotógrafo independente, ressalta a ausência de remuneração regular e de proteção social, trabalhando quase sem interrupção há oito anos; F.M. lamenta a falta de equipamentos profissionais; W.N. insiste no alto custo da internet, que frequentemente exige campanhas de arrecadação para financiar o envio de vídeos para o exterior.

Essas observações confirmam Boyd-Barrett (2014), Mattelart (2014, 2016a, 2016b) e Pasti e Aguiar (2019), segundo os quais os países do Sul sofrem com a carência de infraestrutura em relação ao Norte, o que dificulta a diversificação da informação e limita a capacidade das vozes alternativas competirem com as grandes agências ocidentais. Nesse caso, os jornalistas independentes sírios se integram apenas parcialmente a um ecossistema dominado por essas agências: ainda que estas ofereçam treinamento e aperfeiçoamento, os atores locais são frequentemente empregados como *fixers* ou freelancers, sem contrato que lhes garanta seguro, férias ou salário fixo. Ainda nessa perspectiva, M.B. denuncia a recusa persistente de contratação efetiva de jornalistas sírios e a permanência de preconceitos racistas que associam alguns fotógrafos ao Estado Islâmico. No mesmo sentido, Y.G. enfatiza que os meios de comunicação ocidentais questionam a credibilidade dos jornalistas locais, pressupondo que pertençam à oposição armada, o que priva muitos profissionais talentosos de oportunidades, apesar da demanda constante por conteúdo.

Alguns jornalistas destacaram a ausência de proteção e de garantias para os profissionais locais, em contraste com os correspondentes estrangeiros, que dispõem de maior segurança. M.R. explica: “Os jornalistas ocidentais podem atravessar a fronteira, mas para um sírio, isso seria muito mais difícil [...] Nós não temos a mesma proteção que os jornalistas internacionais.” Essa situação revela uma relação desigual: os estrangeiros, embora expostos aos mesmos riscos,

contam com uma proteção institucional que os torna menos vulneráveis. Outros entrevistados apontaram a ausência de direitos autorais: A.K. denuncia que seu conteúdo é frequentemente reproduzido sem autorização ou remuneração, e que existe uma exploração por parte de certos meios de comunicação ou agências internacionais, afirmando: “a exploração por canais estrangeiros ou por intermediários entre o jornalista e o canal dá a impressão de que estão roubando seus direitos diante dos seus olhos, sem que você possa fazer nada.”

Alguns depoimentos revelam que os jornalistas-cidadãos sírios não se sentem plenamente reconhecidos pelas agências ocidentais, apesar da importância de suas informações. A cooperação existe, mas nem sempre é equilibrada: uma hierarquia implícita os relega ao papel de *fixers* ou de assistentes, sem participação na produção final. Essa constatação pode ser associada aos argumentos de Berger (2025), que ressalta que os *fixers* e outros produtores de informação em zonas de guerra geralmente não participam da fase final de produção, nem da construção da narrativa, tornando-se invisíveis na informação que será amplamente difundida.

Apesar das críticas, os jornalistas reconhecem que a presença das agências internacionais na Síria foi crucial para a visibilidade global do conflito, sobretudo entre 2011 e 2018. M.B. destaca que vários fotógrafos estrangeiros formaram e equiparam colegas locais, favorecendo um intercâmbio profissional, enquanto M.R. recorda que “os jornalistas ocidentais não excluíram os sírios; na realidade, os sírios estavam no centro da cobertura.” Contudo, essa cooperação não elimina a dependência persistente do jornalismo cidadão sírio em relação às estruturas editoriais e aos padrões ocidentais, inserida em um desequilíbrio estrutural global que perpetua as relações de poder e dependência na era digital (Jin, 2019; Thussu, 2022).

8. O JORNALISMO CIDADÃO SÍRIO DIANTE DAS AGENDAS DA MÍDIA OCIDENTAL

A análise das entrevistas revela uma percepção ambivalente dos jornalistas sírios a respeito da cobertura estrangeira da guerra civil. Embora reconheçam que as grandes agências internacionais tenham amplamente utilizado o material produzido pelos jornalistas-cidadãos, eles denunciam a distância em relação à realidade local e a persistência de estereótipos culturais, religiosos ou geopolíticos. Mais especificamente, enquanto a cobertura ocidental enfatiza o terrorismo e os grupos islamistas, o jornalismo local privilegia relatos humanitários, investigações e histórias de resistência civil, considerados mais fiéis à experiência cotidiana.

Segundo os entrevistados, essa diferença de perspectiva se explica, em parte, pela organização da cobertura internacional: J.G. ressalta que muitas agências ocidentais se apoiam em correspondentes localizados em países vizinhos, como Turquia e Líbano, e produzem narrativas moldadas por pontos de vista externos, refletindo um viés estrutural das hierarquias midiáticas globais. Além disso, a atenção dedicada aos conflitos costuma depender da proximidade cultural e linguística com o Ocidente. Outros entrevistados criticam o caráter seletivo das escolhas editoriais: M.R. observa que a narrativa estrangeira prioriza temas que mobilizam a agenda internacional em detrimento de assuntos como pobreza ou impactos ambientais provocados pela guerra, que são destacados pelo jornalismo cidadão local. W.N. afirma que a cobertura síria é mais detalhada, baseada em fontes locais e testemunhos diretos, enquanto os meios ocidentais se concentram em grandes eventos, sem oferecer uma análise aprofundada do contexto local, confirmando, assim, o argumento de Mattelart (2014) de que a cobertura do Sul global se dá majoritariamente por meio de crises espetaculares.

Os depoimentos indicam, portanto, uma assimetria na aplicação dos princípios jornalísticos. Y.G. questiona a universalidade dos valores ocidentais, declarando que os direitos humanos, a ética jornalística e a neutralidade parecem ser aplicados rigorosamente nos países ocidentais, mas são relativizados para os povos do “Terceiro Mundo”. K.S., por sua vez, reconhece a maior profissionalidade dos jornalistas estrangeiros em termos de segurança e equipamentos, mas ressalta que 60 a 75% da cobertura é orientada pelos interesses e perspectivas de seus países de origem.

Desse modo, os testemunhos revelam uma tensão central: o jornalismo internacional, especialmente o das agências de notícias, foi determinante para a visibilidade global do conflito e para a formação de jornalistas locais. Em contrapartida, as lógicas editoriais e prioridades temáticas das grandes redações mantêm uma dependência estrutural do jornalismo cidadão sírio em relação às agendas e às normas ocidentais, limitando a sua autonomia narrativa. Assim, a adaptação das agências ao contexto sociodigital integrou os jornalistas-cidadãos como produtores de informação em áreas de difícil acesso, mas não eliminou os desafios identificados ainda nos debates da UNESCO sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) na década de 1970. Mesmo que as vozes locais disponham atualmente de maior espaço graças às tecnologias digitais, a sua valorização continua condicionada pelos critérios e estruturas das agências hegemônicas, mantendo-as sob a mediação e o enquadramento de um sistema mundial de informação com lógica centralizada.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou a complexidade das relações entre jornalistas-cidadãos sírios e as agências de notícias internacionais no contexto da guerra civil na Síria. Longe de representar uma ruptura com as lógicas anteriores, a integração desses atores locais ao circuito midiático global insere-se em uma continuidade marcada pela persistência de relações assimétricas de poder, como já evidenciado nos debates sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação. Os resultados corroboram, assim, as análises de Mattelart (2014, 2016a, 2016b), Jin (2019) e Thussu (2022), segundo as quais o crescimento das redes sociais digitais e das plataformas colaborativas não resultou em uma verdadeira democratização da informação.

Os dados coletados indicam que as agências de notícias e as grandes redações ocidentais tendem a institucionalizar o jornalismo cidadão por meio de seus processos de validação editorial, o que se manifesta não apenas na verificação rigorosa dos conteúdos, mas também na oferta de formações técnicas e deontológicas alinhadas às normas do jornalismo ocidental. Nesse contexto, as agências demonstram preferência por jornalistas-cidadãos com elevado capital intelectual e cultural, frequentemente graduados, considerados mais capazes de assimilar e de aplicar esses padrões.

Embora o reconhecimento profissional e a visibilidade internacional representem um impulso importante para os jornalistas sírios, eles coexistem com uma relação estruturalmente desigual. Os atores locais, apesar de indispensáveis para a cobertura de zonas inacessíveis, são frequentemente relegados a posições subalternas, como *fixers* e freelancers, raramente envolvidos na fase final de produção e no enquadramento editorial. Além disso, esses jornalistas relatam condições de trabalho precárias que comprometem a qualidade de sua atividade, incluindo baixos salários, ausência de cobertura social e direitos trabalhistas, bem como insuficiência de infraestrutura adequada. Essa hierarquia implícita prolonga os padrões do jornalismo tradicional, em que os centros decisórios permanecem concentrados nas redações ocidentais.

As plataformas digitais desempenham um papel ambivalente: por um lado, facilitaram a difusão de relatos locais e permitiram que os jornalistas sírios se destacassem junto às agências internacionais; por outro, reforçaram a sua dependência de ferramentas e ecossistemas digitais majoritariamente ocidentais, reproduzindo as lógicas do que Jin (2019) explica como “imperialismo das plataformas”. Ademais, a visibilidade dos conteúdos continua condicionada

a critérios e infraestruturas técnicas controladas pelo Norte global, influenciando diretamente a circulação e a legitimidade dos relatos na cena midiática internacional.

À luz do referencial teórico e das entrevistas semiestruturadas, a integração do jornalismo cidadão nos circuitos de informação internacional configura-se menos como uma democratização do que como uma estratégia de manutenção do controle editorial pelas agências, que exploram as contribuições dos atores locais enquanto preservam seus padrões e sua posição dominante na agenda midiática global. Por fim, este estudo abre perspectivas para pesquisas futuras, particularmente ao ampliar o campo para representantes das agências de notícias e de outras grandes redações ocidentais. Uma abordagem comparativa desse tipo permitiria compreender melhor a lógica institucional e os critérios editoriais que orientam a integração ou a marginalização dos jornalistas-cidadãos no cenário midiático global.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. **Agências de notícias do Sul Global: Jornalismo, Estado e circulação da informação nas periferias do sistema-mundo**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/8868>. Acesso em 21 set. 2025.

AUBERT, A. Le paradoxe du journalisme participatif : Motivations, compétences et engagements des rédacteurs des nouveaux médias (enquête). **Terrains & travaux**, n. 15, p. 171-190, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/tt.015.0171>. Acesso em 21 set. 2025.

AUBERT, A.; NICEY, J. Citizen photojournalists and their professionalizing logics: The case of contributors to the Citizenside agency. **Digital Journalism**, v. 3, p. 552-570, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1034525>. Acesso em 21 set. 2025.

BERGER, M. La coproduction d'une preuve journalistique. D'une vidéo amateur fournie par un fixeur syrien à un reportage diffusé dans les médias français. **Tracés, Revue de Sciences humaines**, n. 46, p. 79-92, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/13wvp>. Acesso em 21 set. 2025.

BOYD-BARRETT, O. **The international news agencies**. Londres: Constable, 1980.

BOYD-BARRETT, O. **News Agencies in the Turbulent Era of the Internet**. Generalitat de Catalunya, 2010.

BOYD-BARRETT, O. **Media imperialism**. Londres: SAGE Publications, 2014.

BRUNS, A. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 2, p. 224–247, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n2.2014.750>. Acesso em 15 de set. 2025.

BRUNS, A. **Gatewatching and news curation: Journalism, social media, and the public sphere**. Nova Iorque: Peter Lang, 2018.

CARDON, D. **La démocratie Internet: Promesses et limites**. Paris: Seuil, 2010.

CARDON, D.; GRANJON, F. **Médiactivistes**. Paris: Presses de Sciences Po, 2013.

CHAISE, C. Génération Syrie. **AFP Making-of**, 16 março 2018. Disponível em: <https://making-of.afp.com/generation-syrie>. Acesso em 21 set. 2025.

CHARON, J. M. Les médias à l'ère numérique. **Les cahiers du journalisme**, n. 22/23, p. 14-27, 2011. Disponível em: https://www.cahiersdujournalisme.net/pdf/22_23/01_CHARON.pdf. Acesso em 21 set. 2025.

CHARON, J. M. **Presse et numérique - L'invention d'un nouvel écosystème**. Paris: Ministère de la Culture, 2015. Disponível em: <https://www.culture.gouv.fr/espace-documentation/rapports/Rapport-Charon-Presse-et-numerique-L-invention-d-un-nouvel-ecosysteme>. Acesso em 14 ago. 2025.

CLAVERT, F.; GRANDJEAN, M.; MÉADEL, C. Le temps long des réseaux sociaux numériques, une introduction. **Le Temps des médias**, v. 31, n. 2, p. 5-11, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/tm.031.0005>. Acesso em 21 set. 2025.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. London: Longman, 1995.

FRAU-MEIGS, D.; NICEY, J.; PALMER, M.; POHLE, J.; TUPPER, P. **From NWICO to WSIS: 30 Years of Communication Geopolitics Actors and Flows, Structures and Divides**. Bristol: Intellect, 2012.

FRAU-MEIGS, D. Les youtubeurs: les nouveaux influenceurs! **NECTART**, v. 5, n. 2, p. 126-136, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/nect.005.0126>. Acesso em 21 set. 2025.

GRIESSNER, C. News agencies and social media: A relationship with a future? **Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism**, 2012. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/news-agencies-and-social-media-relationship-future>. Acesso em 21 set. 2025.

HANITZSCH, T.; HANUSCH, F.; RAMAPRASAD, J.; DE BEER, A. S. **Worlds of journalism: Journalistic cultures around the globe**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2019.

HERMIDA, A. Social journalism: Exploring how social media is shaping journalism. In: VEGLIS, A.; SIAPERA, E. (Dir.). **The Handbook of Global Online Journalism**. Wiley-Blackwell, 2012. p. 309-328.

HERMIDA, A.; MELLADO, C. Dimensions of Social Media Logics: Mapping Forms of Journalistic Norms and Practices on Twitter and Instagram. **Digital Journalism**, v. 8, n. 7, p. 864-884, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1805779>. Acesso em 21 set. 2025.

HÖGERL, J. An agency full of citizens? How news agencies cope with citizen journalism: Their concerns and strategies. **Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism**, 2010. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/agency-full-citizens-how-news-agencies-cope-citizen-journalism-their-concerns-and>. Acesso em 21 set. 2025.

JEANNE-PERRIER, V. Figures du public et formes de son agencement dans les dispositifs sociométriques. **Études de communication**, n. 47, p. 15-34, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/edc.6740>. Acesso em 21 set. 2025.

JIN, D. Y. Facebook's platform imperialism: The economics and geopolitics of social media. In: BOYD-BARRETT, O.; TANNER, M. (Dir.). **Media imperialism: Continuity and change**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2019. p. 187-198.

LYNCH, M.; FREELON, D.; ADAY, S. **Blogs and bullets III: Syria's socially mediated civil war**. Rapport. **Peaceworks**, n. 91, 2014. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/176084/PW91Syrias%20Socially%20Mediated%20Civil%20War.pdf>. Acesso em 21 set. 2025.

MASMOUDI, M. The New World Information Order. **Journal of Communication**, v. 29, n. 2, p. 172-185, 1979. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1979.tb02960.x>. Acesso em 21 set. 2025.

MATTELART, A. **La communication-monde : Histoire des idées et des stratégies**. Paris: La Découverte, 1991.

MATTELART, T. Les enjeux de la circulation internationale de l'information. **Revue Française des Sciences de l'Information et de la Communication**, n. 5, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rfsic/1145>. Acesso em 21 set. 2025.

MATTELART, T. Déconstruire l'argument de la diversité de l'information à l'heure du numérique : Le cas des nouvelles internationales. **Les Enjeux de l'information et de la communication**, v. 17, n. 2, p. 113-125, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/enic.021.0113>. Acesso em 21 set. 2025.

MATTELART, T. Les enjeux de la circulation transnationale de l'information : Des agences de presse aux plateformes du web. In: KOCH, O.; MATTELART, T. (Dir.). **Géopolitique des télévisions transnationales d'information**. Mare et Martin, 2016b. p. 31-82.

MERCIER, A. Les défis pour les journalistes : « From gatekeeping to gatwatching ». **Obsweb.net**, 2010. Disponível em: <https://obsweb.net/blog/2010/12/25/defis-du-nouvel-ecosysteme-dinformation-et-changement-de-paradigme-journalistique-2/>. Acesso em 21 set. 2025.

MERCIER, A.; PIGNARD-CHEYNEL, N. Mutations du journalisme à l'ère du numérique : Un état des travaux. **Revue Française des Sciences de l'Information et de la Communication**, n. 5, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rfsic/1097>. Acesso em 21 set. 2025.

MERCIER, A.; PIGNARD-CHEYNEL, N. Introduction générale. In: MERCIER, A.; PIGNARD-CHEYNEL, N. (Dir.). **#Info: Commenter et partager l'actualité sur Twitter et Facebook**. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2018.

NERONE, J. The historical roots of the normative model of journalism. **Journalism**, v. 14, n. 4, p. 446-458, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884912464177>. Acesso em 21 set. 2025.

NICEY, J. Les pratiques de fact-checking journalistique participatif, entre contraintes et intérêts. **Interfaces numériques**, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/interfaces-numeriques.4283>. Acesso em 21 set. 2025.

PALMER, M.; NICEY, J. Social media and the freedom of the press: A long-term perspective from within international news agencies (AFP, Reuters). **ESSACHESS - Journal for Communication Studies**, v. 5, n. 9, p. 107-123, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12345/placeholder>. Acesso em 21 set. 2025.

PASTI, A.; AGUIAR, P. Geografia das agências de notícias: apontamentos para uma análise espacial da circulação da informação. In: MOREIRA, S. V.; BALDESSAR, M. J.; OTA, D.; BRANDALISE, R. (Dir.). **10 anos: o percurso do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação no Brasil**. Intercom, 2019.

PÉLISSIER, N.; CHAUDY, S. Le journalisme participatif et citoyen en ligne : Un populisme dans l'air du temps? **Quaderni**, n. 70, p. 89-102, 2011.

PÉLISSIER, N.; DIALLO, M. D. Le journalisme à l'épreuve des dispositifs socio-numériques d'information et de communication. **Revue Française des Sciences de l'Information et de la Communication**, n. 6, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rfsic/1449>. Acesso em 21 set. 2025.

PERALTA GARCÍA, L.; OUARIACHI, T. Syrian journalists covering the war: Assessing perceptions of fear and security. **Media, War & Conflict**, v. 16, n. 1, p. 44-62, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750635221999377>. Acesso em 21 set. 2025.

PIGEAT, H.; LESOURD, P. Les agences de presse : Face à la révolution numérique des médias. **La Documentation française**, 2014.

PIGNARD-CHEYNEL, N. Journalism participatif. **Publictionnaire. Dictionnaire encyclopédique et critique des publics**, 2018. Disponível em: <https://publictionnaire.humanum.fr/notice/journalisme-participatif/>. Acesso em 21 set. 2025.

RIEFFEL, R. L'évolution des pratiques journalistiques. In: LE CHAMPIO, R. (Dir.). **Journalisme 2.0 : Nouvelles formes journalistiques, nouvelles compétences**. La Documentation française, 2012.

SELENIĆ, U.; PENEZIĆ, S. Challenges of managing news agencies in the 21st century: Transformation examples of the most influential. **International Review**, v. 3/4, p. 229-237, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5937/intrev2404229S>. Acesso em 21 set. 2025.

SCHILLER, H. Libertação do Livre Fluxo. In: WERTHEIN, J. (Dir.). **Meios de Comunicação: realidade e mito**. Nacional, 1979.

THUSSU, D. K. De-colonizing Global News-flows: A Historical Perspective. **Journalism Studies**, v. 23, n. 13, p. 1578-1592, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2022.2083007>. Acesso em 21 set. 2025.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and power**. Houndsmills, Basingstoke: Macmillan, 1993.

WALL, M.; ZAHED, S. E. Embedding content from Syrian citizen journalists: The rise of the collaborative news clip. **Journalism**, v. 16, n. 2, p. 163-180, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1464884914529213>. Acesso em 21 set. 2025.

WALL, M. Citizen Journalism: A Retrospective on What We Know, an Agenda for What We Don't. **Digital Journalism**, v. 3, n. 6, p. 797-813, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.1002513>. Acesso em 21 set. 2025.

WHITE, D. The 'Gatekeeper': a case study in the selection of news. In: DEXTER, L. A.; WHITE, D. M. (Dir.). **People, Society and Mass Communications**. The Free Press, 1964.

WITSCHGE, T.; HERMIDA, A.; DOMINGO, D.; ANDERSON, C. W. **The SAGE Handbook of Digital Journalism**. Sage Publications, 2016.

Gisela Cardoso Teixeira

Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade de Aix-Marseille, França. Possui mestrado em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG e graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente, é professora dos cursos de Comunicação da Universidade de Lille, França.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional